

Após manifestações, 15 pessoas continuam presas em Belo Horizonte

Dos 56 detidos, 11 são adolescentes; 30 foram ouvidos e liberados. Manifestantes e polícia se enfrentaram em dois momentos neste sábado.

Do G1 MG



Cronômetro da Copa do Mundo de 2014 em Belo Horizonte foi alvo de pedradas (Foto: Pedro Ângelo/G1)

Após um dia de mais protestos em **Belo Horizonte**, 15 pessoas continuam presas neste domingo (8), suspeitas de desacato e crime contra o patrimônio. Ao todo, segundo a Polícia Militar, 56 pessoas foram conduzidas à delegacia, destes, 11 adolescentes.



Coronel Cláudia Romualdo foi atingida por balão de tinta no protesto (Foto: Reprodução/TV Globo)

O cronômetro para a Copa do Mundo de 2014, que está na Praça da Liberdade, na Região Centro-Sul da cidade, foi alvo de pedradas. A coronel Cláudia Romualdo, que acompanhava o protesto, foi alvo de um balão de tinta. A farda ficou

manchada.

Os manifestantes saíram de duas concentrações, que começaram na manhã do sábado. O 'Grito dos Excluídos' se reuniu embaixo do Viaduto Santa Tereza, no centro, e caminhou até a Praça Sete. No local, o movimento se encontrou com um protesto marcado pelas redes sociais. Os dois grupos foram, então, pela Avenida Afonso Pena em direção à Praça da Liberdade, subindo a Rua da Bahia.

Na saída da manifestação, a polícia e o Grupamento de Ações Táticas Especiais (Gate) fizeram várias linhas de bloqueio, na tentativa de conter a passeata, mas foram recuando, e deixaram o grupo maior, de cerca de 500 pessoas, passar. Neste grupo estavam os black blocs, ativistas que se cobrem de preto e que se autodenominam anarquistas. Eles correram contra a polícia, e a provocaram pelo caminho. A polícia não reagiu até a Praça da Liberdade.



Momento de confronto entre polícia e manifestantes (Foto: Alexandre Rezende/ G1)

Na praça onde fica a sede simbólica do Governo de Minas Gerais, um grupo bem menor agora depredou o relógio da Copa. **Um deles fez bunda-lelé para os policiais, momento que teria sido o gatilho para o confronto.** Várias pessoas

foram detidas e colocadas no chão algemadas pela tropa de choque. Os militares usaram o taser, arma de choque não-letal para conter os exaltados.

Todos foram levados para a delegacia no centro da cidade, onde nova confusão aconteceu. Um novo grupo foi protestar contra a detenção dos que estavam na Praça da Liberdade, e a polícia usou balas de borracha para dispersar a manifestação.

Não há registros oficiais de feridos na Polícia Militar, segundo informações ainda preliminares. Dos 56 detidos, foram onze adolescentes, encaminhados posteriormente para o Centro Integrado de Apoio à Criança e ao Adolescente. Trinta pessoas presas foram ouvidas e liberadas.



Policia! atira em jovem com os braços levantados. (Foto: Reprodução/TV Globo)

Truculncia policial

O comerciante Marco Duarte, de 21 anos, participou do ato e disse que foi revistado três vezes por policiais. Ele denuncia que alguns policiais o “agrediram verbalmente” e que houve “constrangimento desnecessário”.

Um cinegrafista da TV Globo flagrou o momento em que um policial atira contra um rapaz de braços levantados. Em seguida, ele se abaixa e  immobilizado. A polícia informou que todas as denúncias de excesso por parte dos militares serão investigadas pela Corregedoria de Polícia.

Bandeiras do protesto

A concentração no Viaduto Santa Tereza reuniu jovens, adultos, crianças e idosos. Manifestantes confeccionaram cartazes e faixas e levantaram bandeiras de partidos políticos, associações e grupos diversos. Dentre as reivindicações, mais educação, saúde, distribuição de renda, democratização e desmilitarização da Polícia Militar.



Parte dos manifestantes se concentrou debaixo do Viaduto Santa Tereza, de onde saíram em passeata (Foto: Alexandre Rezende/ G1)

Os manifestantes também pediram o reconhecimento dos mortos na Síria e paz no país. Na Praça da Estação, em um ato simbólico, o grupo se reuniu em uma ciranda. Cruzes negras feitas em madeira foram colocadas ao centro da ciranda. O ato lembrou vítimas das chacinas de Felisburgo, em que cinco sem-terra foram assassinados em 2004 em Minas, e a da Candelaria, em que oito jovens foram mortos policiais no Centro de Rio de Janeiro.



Cruzes negras feitas em madeira relembraram vítimas da violência. (Foto: Luiza Andrade/ G1)

Entre os nomes e causas, também foram lembrados Luis Felipe, que morreu no viaduto da Avenida Antônio Carlos em protestos anteriores, em Belo Horizonte; Irmã Dorothy, ativista ambiental e religiosa que foi assassinada aos 73 anos no estado

do Pará; Padre Gisley, assessor nacional do Setor Juventude da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que foi assassinado aos 31 anos em Brasília.

Durante a ciranda, um ativista que se identificou como Wellington vestia roupas pretas e carregava uma enorme bandeira sem brasão ou quaisquer dizeres. Ele explicou que "assumiu o luto pelo Brasil" e que protestava a favor de investimentos na educação, saúde, e contra o desvio de dinheiro público.

A caminhada seguiu pacificamente pelas ruas Guaicurus, São Paulo e Afonso Pena, até chegar à Praça Sete, onde o grupo se encontrou com outros manifestantes que já se concentravam no local. Num certo momento, houve embate verbal entre um grupo que defendia o uso de bandeiras de partidos e causas e outro que era contra a manifestação partidária. Ouvia-se de um lado os dizeres "Bandeira na mão, liberdade de expressão", e do outro, "Sem partido".

Manifestantes mascarados foram questionados por militares, o que gerou momentos de discussão e revide durante o protesto. "E vocês, porque não têm o nome estampado na farda?", disse um manifestante. Ele conversava com um policial, que respondeu que os militares não estavam identificados para a proteção deles. Ainda segundo o policial, o uso da máscara não foi proibido, mas a recomendação é que elas não sejam usadas para a proteção dos próprios manifestantes.

Jovens pintaram os rostos em protesto à decisão da PM de tornar obrigatória a identificação
(Foto: Luiza Andrade/ G1)

'Máscaras' pintadas

Na passeata do Grito dos Excluídos, que seguiu do Viaduto Santa Tereza até a Praça Sete, jovens pintaram os rostos e cobriram as cabeças com panos artísticos, em protesto à decisão da Polícia Militar de tornar obrigatória a identificação.

Já na concentração da Praça Sete, alguns jovens cobriram seus rostos com camisetas e máscaras. Eles foram questionados por agentes da PM e precisaram se identificar durante os protestos.

